

50 Anos

alfabeto

JORNAL DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA BATALHA

Pré-escolar
1.º ciclo
2.º ciclo
3.º ciclo
Secundário
Junho 2024

O ALFABETO SAI À RUA

Exposição de Caminhos e Percursos de um Jornalista Escolar




Crédito Agrícola
Batalha

AS VOZES E IMAGENS DE UMA COMUNIDADE

OFICINA DE JORNALISMO

O Bicho Papão ou o Monstro de Sete Cabeças

É incrível como uma sociedade cada vez mais tecnológica, ou pelo menos assim julgada, em que a informação está à distância de um simples clique (haja vontade de clicar), em que os jovens, e os não tão jovens, passam grande parte do seu dia “ligados à máquina”, percorrendo quilómetro atrás de quilómetro, muitos deles cheios de pseudoinformação, utilizando somente um ou dois dedos, onde, ao que parece, basta carregar num simples botão para que as coisas apareçam feitas, quase como se de um milagre se tratasse, seja a mesma sociedade que parece (ou finge) acreditar que tudo isto surge do nada e que não tem por trás uma enorme quantidade de conhecimento, oriundo em várias áreas do saber, nomeadamente as ligadas à ciência e, em particular, a mal-amada Matemática.

Vem esta introdução a propósito do facto de esta sociedade, que está cada vez mais dependente de toda esta panóplia de dispositivos, ser a mesma que desculpabiliza sistematicamente o insucesso na disciplina que, na maior parte das vezes, serve de elo de ligação a todos eles. Quantos já ouvimos (e quem sabe as dissemos também) frases do tipo: “O meu filho não é muito bom a Matemática, mas também não era o meu forte...” ou “Temos que ter um pouco mais de paciência, é Matemática...”. Não, nem a Matemática é uma questão de genética, nem é uma questão de paciência ou qualquer outra coisa parecida! É, sim, uma questão de trabalho (substantivo que parece ter caído em desuso junto dos nossos jovens) e de empenho na superação das dificuldades (coisa cada vez menos habitual no mundo das facilidades, o mundo do “carrega no botão” que tudo se resolve).



Vamos a factos. É verdade que a disciplina de Matemática exige trabalho, mas não o exigem todas as outras? Umas mais do que outras, é certo. É verdade que nem toda a gente tem “jeito para os números”, mas será que toda a gente tem “jeito para as letras”? Ou “jeito para as artes”? Ou “jeito para o desporto”? É verdade que, muitas vezes, é mais fácil dizer “não sei” do que perceber o porquê de não saber... é aí que entra o tal trabalho! É verdade que é mais fácil “empurrar os problemas para a frente”, do que tentar resolvê-los na sua raiz. Tudo isto é verdade, não podem estes factos servir de desculpa para aceitar que o insucesso na disciplina de Matemática goze de um “estatuto especial”, face a outras disciplinas do currículo.

Vamos a mais factos. A Matemática é uma disciplina organizada em patamares de grau de complexidade crescente, que exige um conhecimento global da generalidade dos conteúdos lecionados previamente. Um exemplo: em História (disciplina à qual, infelizmente, muitos alu-

nos dão cada vez menos importância, o que talvez justifique alguns epifenómenos que se têm registado por esse país fora) um aluno pode não perceber nada da Pré-história e, no entanto, ser excelente no que diz respeito ao Renascimento. Outro exemplo: em Geografia, o aluno pode não saber nada de clima e, ainda assim, conhecer todas as capitais europeias e localizá-las no mapa (desde que não lhe falem em escalas, pois isso já mexe com números). Ora, em Matemática é mais difícil que isto possa acontecer. Nunca conheci nenhum aluno que soubesse resolver equações do segundo grau, sem saber resolver equações do primeiro grau. Ou soubesse operar com frações, sem saber operar com números inteiros. Os conceitos estão muito mais sequenciados e interligados e, por isso, requerem um estudo sistemático e consistente, palavras que estão também a cair em desuso. Se a Matemática fosse um armário cheio de gavetas, cada uma das quais guardando um conteúdo da disciplina, estas teriam que seguir o adaptado “Princípio das Gave-

tas Comunicantes”, isto é, mesmo quando fechadas, elas teriam que comunicar umas com as outras, pois não faz qualquer sentido estudar isoladamente um conceito, sem estabelecer a sua ligação com muitos outros.

Imaginem o que seria escrever um texto em Português, sem saber como se conjugam os verbos, ou escrever um texto noutra língua, sem se conhecer o respetivo vocabulário (e, ao que tenho visto escrito por aí, não é necessário ter grande imaginação!). A Matemática exige o conhecimento da sua linguagem própria, da sua “es-

trutura gramatical”, para que possamos dominá-la adequadamente. Sem estes fatores, trata-se de um texto ininteligível para a maioria das pessoas. Como qualquer outra linguagem, exige treino para que não esqueçamos as suas regras e procedimentos. Como diria um saudoso professor com quem tive o privilégio de aprender muito do pouco que ainda sei, “a Matemática aprende-se na ponta de um lápis”, e eu acrescento, “de preferência, afiado, para chegar aos pormenores”.

Deixo então um pedido aos pais e encarregados de educação. Não desculpabilizem o insucesso dos vossos educandos em qualquer disciplina, e em particular a Matemática. Antes de o fazer, pensem que os estão a privar de uma área do saber que é fundamental para a compreensão do mundo, cada vez mais tecnológico, e para a sua formação, enquanto cidadãos capazes de tomar decisões no e acerca do seu futuro.

E para os mais distraídos, que andam sempre a perguntar para que serve a Matemática, eu digo: quanto mais não seja, para conseguir contar as sete cabeças do monstro.

Prof. Daniel Cabral

Qual é a hora ideal para estudar?

É caso para dizer “cada cabeça sua sentença”. Questionados alguns alunos do secundário e professores da nossa escola, recolheu-se uma grande variedade de respostas: uns preferem a manhã, pois “de manhã começa o dia”, outros a tarde, pela maior facilidade de raciocínio, e ou-

tros a noite, por estarem “mais produtivos”.

Perante tal diversidade de opiniões, o psicólogo Luís Simões deixou-nos uma explicação. “O tema é complexo e implica considerar vários fatores. É natural as respostas serem díspares, pois expressam-se em função de ritmos de sono e ro-

tinhas. Dormimos cada vez menos e tal pode levar à privação de sono, afetando a concentração e a aprendizagem. Especialistas recomendam que não haja avaliações na primeira hora da manhã e que os exames comecem a partir das 10h30”.

**Leonor Santos, 12.º D,
Luana Baltazar
e Matilde Sousa, 10.º D**

Dialogar, partilhar e ouvir

Em abril, uma delegação do AEB marcou presença na celebração anual Ubuntu Fest, em Sintra, e o Alfabeto também lá esteve para entrevistar alguns convidados especiais.



Pedro Cunha

Secretário de Estado da Administração e Inovação Educativa

Perante as atuais cargas horária e disciplinar, como pode o projeto Ubuntu ajudar-nos a pôr em prática os valores que promove?

O Ubuntu não é o clube, não é a turma, não é a sala é a escola. Eu diria que o

desafio é ser esta linguagem comum, por isso, acho boa ideia começar o ano letivo com uma Semana Ubuntu para toda a gente. A escola deve partilhar estes princípios e isso traduz-se na maneira como organiza o ano,

como lida com os alunos e como os alunos, os professores, os auxiliares e os pais lidam uns com os outros. Como é que isto se faz? Vamos aprender Matemática, Física, Português importando-nos uns com os outros.

Imagine-se como estudante jornalista a entrevistar o Doutor Pedro Cunha. Que pergunta lhe faria, tendo em conta os obstáculos a nível mundial ou o conceito de uma escola mais humana?

De que está à espera? Por que não temos ainda o projeto Ubuntu em todas as escolas do país? Considero ser esta metodologia o caminho a seguir. Eu não acredito na ideia de ser o ministério a impor projetos, mas a criar condições para que as escolas possam escolher os projetos com

que se identificam e implementá-los. Para isso, é preciso reforçar a sua autonomia. Gosto de dar espaço aos diretores, professores, técnicos e alunos para que possam fazer as suas escolhas.

Qual a melhor forma de envolver os alunos nesses projetos?

Às vezes, há uma espécie de coreografia. Já assisti a organizações em que as pessoas não têm voz, não têm um papel, mas, uma vez por ano, fazem um *quiz* ou uma assembleia. Não é assim que as coisas mudam. Temos que criar, nas escolas, a cultura do diálogo e não uns a decidir e os outros a seguir, uns a ensinar e os outros a aprender, uns a falar e os outros calados. Portanto, seria preciso

fazer um trabalho de casa que consistiria em estabelecer, regularmente, compromissos entre todos. Acho que se for uma escola em que estão todos sentados, quietos e calados e, de repente, haver um inquérito sobre os projetos que se devem escolher, não vai ter grandes resultados. É preciso aprender a participar, não é ir a uma prateleira e escolher projetos, é sentir a escola como minha (do professor, do aluno, do encarregado de educação, do auxiliar), o que implica um trabalho prévio e diário. Claro que os programas disciplinares são obrigatórios! Sou eu que “obrigo” os professores a seguirem-nos, mas não digo como se chega lá. Cada professor e cada grupo de alunos é livre de escolher como o fazer.

Acha possível reduzir a carga disciplinar ou fazer uma revisão dos programas para libertar a carga horária e implementar os valores do Ubuntu?

O currículo português tem seis anos, prevendo-se que seja avaliado por professores, alunos, pais, diretores e especialistas das diferentes disciplinas. É exatamente isso em que estamos a trabalhar, para decidir em função daquilo que ouvimos. Há áreas e disciplinas que, apesar dos esforços, se sente a necessidade de melhoria. Há outras em que a satisfação é muito grande. Tudo isto tem de ser visto ano a ano, disciplina a disciplina. É um trabalho lento e profundo, mas nós vamos fazê-lo.



Rui Silva

Presidente do IPAV

Considerando a vida cada vez mais agitada em que vivemos, que conselho pode dar para contribuímos para uma escola mais humana?

A grande quantidade de informação limita-nos o tempo e a disponibilidade para as relações. Como seres humanos, precisa-

mos de investir no conhecimento do outro. Se eu estiver centrado nos outros, vou ter também os outros centrados em mim. Ajudamo-nos mutuamente, é a entreeajuda. É este espírito que falta hoje em dia: sentirmo-nos numa família que não anula nenhuma identidade, integra todos.

Como se sente entre estes jovens, em Portugal?

É encontrar verdadeiramente uma outra civilização. Na juventude portuguesa, encontro calor humano e olhares muito carinhosos.

Que mensagem nos quer deixar?

É uma mensagem para partilhar com os jovens que não estão aqui: paz, esperança, viver em conjunto, amor e, sobretudo, procura do outro. Nunca digam “Não o conheço”!

De onde vem a sua inspiração e coragem para continuar a trabalhar com os jovens?

Sempre trabalhei com jovens. Era empregada municipal quando perdi o meu filho à mão dos jihadistas. Nessa altura, quando via jovens desorientados, procurava-os para lhes dar apoio porque eles eram o futuro. Este foi sempre o meu objetivo: dirigir-me aos jovens para os acompanhar na construção de um mundo melhor, para traçarem o próprio caminho rumo ao futuro.



Rui Marques

Antigo dirigente do Instituto Padre António Vieira (IPAV)

Que mensagem entende ser mais urgente transmitir aos jovens, neste ano em que se comemoram os 50 anos do 25 de abril e tendo em conta o projeto Ubuntu?

As novas gerações têm à sua frente grandes desafios e responsabilidades. O mundo que vos entregamos está cheio de obs-

táculos, mas também vos entregamos a esperança de construir um mundo melhor. Quando forem capazes de cuidar de vós próprios, dos outros, da comunidade e do planeta, quando construírem pontes e servirem liderando, acredito que vão conseguir construir o mundo que desejamos.



Latifa Ibn Ziaten

Ativista franco-marroquina pela paz

“Miúdos a Votos” voltam a dar que falar no AEB



Cinco turmas do 6.º ano participaram na campanha eleitoral para os livros mais “fixes”. A iniciativa envolveu as disciplinas de Português, História e Geografia de Portugal, Mate-

mática, Educação Visual, Educação Musical, Cidadania e Desenvolvimento e LIP no DAC “Miúdos a Votos! Ler é sinónimo de vencer!”, em parceria com a biblioteca escolar.

Numa “conferência de imprensa”, as turmas A, C, D, G e H apresentaram, de forma entusiástica, “O Príncipezinho”, “Avozinha Gângster”, “A Maior Flor do Mundo”, “Pedro

Alecrim” e “A Fada Oriana”. Os livros candidatos foram, desde logo, muito aplaudidos e a competição começou a sentir-se no ar. Depois disso, e de acordo com um calendário, cada equipa expôs oralmente os argumentos para que o seu livro vencesse, no agrupamento.

Os valores de cidadania serviram de mote às atividades, desenvolvidas em torno de uma campanha, permitindo aos alunos perceber como se desenrola um processo eleitoral e para que serve, motivando-os para serem, no futuro, cidadãos ativos e participativos.

Além disso, ao dar-se-lhes a voz, treinaram-se,

de forma divertida, competências do domínio da oralidade, já que obrigaram a uma planificação do discurso oral e à construção da argumentação para defesa das suas opiniões, tentando captar e manter a atenção dos colegas.

As turmas criaram um hino, promoveram idas às salas do 5.º ano e vários comícios no exterior dos blocos, culminando com uma arruada e a votação, no dia 8 de março.

Pedro Rino, do 6.º H, refere: “*Miúdos a Votos* é importante, pois ensinamos que votar é um dever, e também me ajudou a ser mais feliz. Aprendi a não me envergonhar em público e que um só voto pode

tornar um livro vencedor. Nas campanhas partidárias, é importante votar para se conseguir a vitória da liberdade”. Afonso Costa e Afonso Henriques, do 6.º D, acrescentaram: “*Miúdos a votos* foi um momento de diversão, mas também de seriedade e aprendizagem. Havia muita concorrência e tivemos de ter coragem para apresentar os nossos argumentos, preparando os discursos que fizemos em público. Sentimos, ainda, a importância da liberdade para escolhermos o nosso livro candidato.”

Cristina Delgado e Eduarda Sousa,
Prof. dinamizadoras

Pacheco Pereira de visita ao AEB



No âmbito do Programa Parlamento dos Jovens, recebemos o Dr. José Pacheco Pereira, historiador e figura incontornável da cultura portuguesa da atualidade.

Num colóquio com alunos do secundário, o convidado, que também já foi professor, abordou várias diferenças entre os anos da ditadura do

Estado Novo e os cinquenta anos de Liberdade e Democracia, o tempo pós-Revolução dos Cravos.

Ao falar do seu percurso, relatou experiências como estudante ativista político e recordou leituras que moldaram a sua personalidade. Com a bagagem de vida que tem por trás, o Dr. Pacheco

Pereira é, sem dúvida, um contador de histórias que nos levou a outras épocas e a outras vivências. Durante o encontro, revelou estratégias de contorno à censura, no período anterior ao 25 de abril de 1974, recomendou livros importantes para a formação dos jovens e demonstrou que o conhecimento é a nossa melhor ferramenta. “Quem não souber história, é pobre”, reforçou.

No fim, deixou o convite aos Deputados-Escola para uma visita à Ephemera, a sua “biblioteca e arquivo ao serviço de todos”.

Leonor Santos, 12.º D

Crianças do jardim de infância da Rebolaria vivem uma aventura na Batalha



O JI da Rebolaria viveu mais uma experiência que ficará na memória das crianças. A aventura começou com uma caminhada até à Batalha e continuou no espaço de magia da sala Snoezelen do AEB, com a história sensorial “Pó de estrelas”. Meninos e meninas deixaram-se envolver pelos cheiros, sons e cores da floresta onde vivia o Pi-quinhas, brincaram com o pó de estrelas caído do céu, relaxaram na cama de água e observaram o céu estrelado. Depois, ainda tiveram tempo para ouvir uma história na biblioteca e correr na pista de atletismo.

O almoço foi servido no “refeitório dos grandes” e a tarde foi passada no parque infantil da vila. Algumas crianças regressaram a pé. E pasme-se! Houve malta a fazer o atalho a correr. Custou mais aos

adultos do que aos cachopos. A nossa gratidão vai para todos os que nos receberam com hospitalidade e colaboraram nesta aventura.

Prof. Manuela Bastos

OS NOSSOS ALUNOS NO PAÍS E NO MUNDO

“Abraçam o vosso futuro de coração cheio e mente aberta”



Joana Casaca, 21 anos, já frequentou o AEB. Encontra-se, agora, no 4.º ano do Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas, na Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra.

Ao Alfabeto confessou que o início no ensino superior foi “um misto de emoções: tanto estava curiosa e ansiosa por descobrir o mundo universitário e fazer novos amigos quanto re-

ceosa sobre esta nova aventura”. Considera que o seu primeiro ano foi “decisivo”, para saber se continuaria ou não no curso e na cidade que a acolheu. “Felizmente, ao fim destes quatro anos, superei o choque inicial”, isto é, “balancear estudos com a vida académica noturna, com o tempo de qualidade com a família e amigos do secundário e com o associativismo e trabalhos

em *part-time*”, explica.

A propósito da atividade associativa, lembra o “Like Saúde” como o maior projeto que abraçou enquanto aluna do AEB: “Sem dúvida, foi o que me deu as bases para o meu percurso ligado ao associativismo”. Graças a ele, aderiu a vários projetos como o Unlimited Feature, a Missão País e o Cura+, sem esquecer a participação na Mesa da Assembleia

Magna da Associação Académica de Coimbra.

Como recomendação aos alunos prestes a ingressar no ensino superior, deixa esta mensagem: “Abraçam de coração cheio e mente aberta esta nova etapa da vida. São anos muito felizes! É lindo ver o percurso que fizemos e tudo o que conquistámos! Só me arrependo do que não vivi”.

Laurenço Matos, 12.º B

Desporto Escolar contribui para o bem-estar dos alunos



O Desporto Escolar está presente no dia a dia do AEB. São muitas as modalidades praticadas, despertando o interesse pelo desporto e desenvolvendo o bem-estar dos alunos. No segundo semestre, foi assídua a presença dos nossos atletas em várias competi-

ções, conquistando muitos deles os lugares cimeiros.

Na natação, Miguel Silva e Afonso Silva subiram ao pódio no Campeonato Regional de Natação, que decorreu no Complexo Olímpico de Piscinas de Coimbra.

No badminton, Inês Car-

reira e Rafaela Silva (9.º D) integraram a comitiva da CLDE de Leiria, no escalão Iniciados. Camila Fernandes (10.º C) também participou desempenhando as funções de árbitro com muito profissionalismo.

No xadrez, destacaram-se Íris Costa, do 6.º C (1.º lugar), Bianca Mártires, do 7.º E (3.º lugar) e Rafaela Ribeiro, do 7.º G (5.º lugar), no escalão Infantis B feminino, na fase final CLDE que decorreu em Ansião.

No ténis de mesa, José Gomes participou no Campeonato Distrital, que decorreu em Porto de Mós, onde obteve o 3.º lugar, no escalão Iniciados, tendo sido apurado para o Campeonato Regional.

No futsal, a equipa da nossa escola participou

na 4.ª concentração da 2.ª fase, escalão Infantis B masculinos, tendo sido a equipa vencedora.

No frisbee, uma equipa do 2.º ciclo e outra do secundário representaram o AEB no 8.º Encontro Nacional de Ultimate Frisbee, que decorreu no Estádio Municipal Dr. Magalhães Pessoa, em Leiria. A equipa do 2.º ciclo venceu o prémio de espírito de jogo.

Na fase final do cortamato escolar, em Setúbal, entre os mais de mil alunos, estiveram presentes o Afonso Silva, a Iara Aguiar e a Inês Fonseca, em representação da escola e do CLDE Leiria, classificando-se entre os 45 primeiros atletas.

Matilde Neto, 12.º B

Sessão Ubuntu Famílias

Em fevereiro, realizou-se uma sessão especial, dedicada, desta vez, a familiares dos jovens Ubuntu do AEB.

Uma das participantes, Susana Vieira, mãe de dois alunos, admitiu que, ao ouvir falar do projeto Ubuntu, “não sabia do que se tratava”, mas, no final da sessão, não escondeu a sua surpresa e boa disposição: “Sem dúvida, é um projeto muito bom, que muda a perspetiva do nosso olhar

e de pensar certas atitudes antes de agir. É uma experiência de abertura. Antes, havia coisas que me passavam despercebidas, não ligava tanto à vida, estava sempre ligada ao trabalho. Agora, vejo-as de forma diferente, com outros horizontes. No quotidiano, paro para pensar no motivo que fez suceder este ou aquele acontecimento. Todos o deviam fazer”.

Carlos Silva, 12.º C



AEB desafia os seus profissionais para momentos de pausa

Numa era marcada pelo ritmo acelerado e pelas inúmeras exigências, os profissionais da educação encontram-se frequentemente sob pressão, navegando entre responsabilidades, prazos e preparação de um bom ambiente de aprendizagem para os alunos. Reconhecendo a importância do bem-estar mental e físico, o AEB, numa abordagem inovadora, adotou práticas de “mindfulness”

e desportivas destinadas à comunidade docente e não docente.

Miguela Fernandes, professora e dinamizadora de uma das atividades, explica: “Dedicamos uma hora semanal ao desenvolvimento da atenção plena e ao movimento consciente, inspirados na tranquilidade do ioga. Focando-nos no momento presente, aprendemos a observar pensamentos e emoções, sem jul-

gamento, abrindo espaço para uma maior clareza mental e redução do stress. Os movimentos conscientes, por sua vez, ajudam-nos a libertar tensões físicas, reforçando a harmonia entre corpo e mente”.

Eduardo Gonçalves, professor e dinamizador do padel, uma modalidade desportiva, esclarece que, “além de melhorar a condição física dos participan-

tes, tem permitido o conhecimento e convívio entre colegas dos diversos ciclos de ensino, em momentos agradáveis de boa disposição”.

Algumas pessoas já responderam ao desafio, que vai no segundo ano de existência, e relatam transformações significativas. Júlia Carvalho, encarregada operacional, partilha: “Esta iniciativa veio trazer um ambiente mais leve,

compreensivo e consciente das coisas que nos rodeiam, valorizando os pequenos detalhes da vida, que, afinal, são a nossa essência. Parar para ouvir, respirar em consciência e sentir tudo o que nos rodeia”. Por sua vez, Susana Carvalho, assistente operacional, expressa o seu entusiasmo pelas novas atividades de ioga e padel: “Quis experimentar e gosto muito. No ioga, aprendo a respirar, penso

em mim e relaxo. No padel, descarrego energias, rio, brinco e convivo. Não sei se tenho muito jeito, mas aproveito o momento para pensar em mim”.

Ambos os relatos, repletos de gratidão e apreço, refletem os benefícios de uma estratégia valiosa para o desenvolvimento holístico destes profissionais, reafirmando o compromisso com um ensino mais consciente e humano.

Encontro de jovens da Oficina de Jornalismo e do Estabelecimento Prisional de Leiria

Os alunos Guilherme Ferreira e Milene Ferreira, do 12.º ano, deslocaram-se à prisão-escola de Leiria, no âmbito de um protocolo que pretende promover a partilha de conhecimentos entre jovens estudantes.

Nesta missão de inclusão, houve troca de experiências e de informação ao nível da organização de um jornal e

da escrita jornalística, ficando todos os participantes entusiasmados com o trabalho que desenvolvem na redação dos seus jornais. Através desta prática colaborativa e em ambiente de grande interação, houve enriquecimento mútuo e o encontro ficou marcado pelo agrado e reconhecimento do impacto positivo na vida destes jovens.

AEB com representação dignificante na final das Olimpíadas da Economia



Maria João Rodrigues, aluna do 12.º C, após ter sido apurada para as fases escolar e regional, chegou à fase nacional das XI Olimpíadas de Economia, que decorreram em Coimbra, subordinadas ao tema Inteligência Artificial.

Célia Cadima, professora de Economia, informa que “participaram no projeto mais de 8250 estudantes, distribuídos por 172 escolas inseridas em 112 municípios, do continente e das regiões autónomas”. E

acrescenta: “As Olimpíadas da Economia são um projeto implementado por estudantes da Universidade de Coimbra, Licenciatura de Economia 2013/2014, destinado a alunos do ensino secundário das escolas portuguesas, a fim de promover, junto dos mais novos, o gosto pela ciência económica e despertar um apurado sentido crítico e interesse pela atualidade económica, além de conectar o ensino secundário ao ensino superior”.

Equipa NASDAR alcança o segundo lugar na competição regional de F1 in Schools

A equipa NASDAR, do 12.º A, classificou-se em segundo lugar na competição regional de F1 in Schools, conquistando três dos sete prémios atribuídos e apurando-se para a final nacional a realizar em julho, em Famalicão. Também a BATCARS, uma equipa feminina do 8.º E, desenvolveu um trabalho meritório, sendo a mais nova do campeonato. Ambas contaram com o apoio do Clube Ciência Viva do AEB. O evento foi organizado pelo Centimfe (Centro Tecnológico da Indústria de Moldes, Ferramentas Especiais e Plásticos), da Marinha Grande, e o júri avaliou áreas como física, aerodinâmica, conceção, cons-

trução, desenvolvimento de marcas, patrocínios, marketing, trabalho em equipa e liderança, empreendedorismo, competências de comunicação e estratégia financeira.

Esta participação partiu da proposta que o aluno Simão Santos apresentou aos professores no início do ano letivo. “Quando frequentei uma Semana de Verão, na Universidade da Beira Interior, fiquei fascinado com este projeto. A minha paixão pela Fórmula 1 e pela engenharia, juntamente com o desejo de adquirir conhecimentos práticos, motivou-me a lançar este desafio aos meus colegas”, conta o *team leader*. A partir daí, criaram uma iden-



tidade para a equipa, procuraram patrocinadores e construíram um carro em miniatura que, numa pista de 20 metros, pudesse atingir a velocidade média de 80 km/h. Para a conceção do carro, pesquisaram in-

formação sobre aerodinâmica e estrutura e inspiraram-se na natureza, devido às suas formas eficientes e perfeitas. Analisaram, também, carros de competições anteriores para aprenderem com os melhores.

“A participação nesta competição foi extremamente enriquecedora. Aprendemos muito com os erros cometidos e percebemos que há sempre algo a melhorar. Este é um projeto que incenti-

va a investigação, análise e prática, desenvolvendo competências cruciais em várias áreas. Foi uma experiência desafiadora que nos proporcionou um conhecimento valioso e uma grande sensação de realização”, referiu a equipa, recomendando, ainda, a todos os alunos que participem neste tipo de projetos, independentemente dos resultados. “O conhecimento e as competências adquiridas são inestimáveis, superando qualquer troféu ou medalha. São experiências essenciais para o nosso desenvolvimento pessoal e futuro profissional”, concluem.

Milene Ferreira, 12.º C

Química, uma ciência que aposta na otimização da produção de combustíveis alternativos

A indústria petrolífera é responsável pela emissão de poluentes atmosféricos, como o dióxido de carbono, o metano e óxidos de nitrogénio. A queima de combustíveis fósseis liberta grandes quantidades desses gases, contribuindo para diversos problemas ambientais, que estão relacionados com as alterações climáticas. Destes, destacam-se as emissões de gases com efeito de estufa (GEE), o aquecimento global, as chuvas ácidas e o *smog* (nevoeiro fotoquímico).

A investigação em Quí-

mica é crucial no desenvolvimento de novos processos e tecnologias para a conversão de matérias-primas renováveis, como biomassa, microalgas e resíduos orgânicos, em combustíveis limpos e de alta qualidade. Além disso, esta ciência tem investido em catalisadores avançados e processos de separação para otimizar a eficiência e rapidez da produção dos combustíveis alternativos, como é o caso dos biocombustíveis. A sua produção, a partir da reciclagem de óleos, tem grande importância, pois

promove a redução de resíduos e a sustentabilidade ambiental, ainda que apresente algumas limitações quanto à disponibilidade e qualidade dos óleos reciclados e à eficiência e custo de produção.

A poluição atmosférica é um grave problema ambiental que a Química procura atenuar com a otimização da produção de combustíveis alternativos, contribuindo para um futuro energético mais sustentável.

Milene Ferreira, 12.º C

Projeto Ciência Viva nos Pátios

Em abril, a Escola Básica de Reguengo do Fetal teve a visita especial da bióloga Carla Veríssimo, no âmbito do Projeto Ciência Viva nos Pátios. Foi um momento de grande aprendizagem, em que pudemos observar a natureza ao nosso redor e conhecer melhor a biodiversidade na nossa escola. Sentimo-nos uns verdadeiros investigadores!

Também pusemos mãos à obra e apanhámos as favas do nosso faval. Foi uma emoção ver



tamanha colheita. Entregámos as favas no lar de idosos para, na semana seguinte, as poderemos degustar.

Um dia na natureza só podia ser uma beleza!

Alunos da EB de Reguengo do Fetal

Aplausos para “Os Dramatecos”

O grupo de teatro “Os Dramatecos” levou à cena, neste ano letivo, duas peças de teatro: “Na Terra dos Sonhos”, destinada a um público infantil, na Batalha, e “É do Sonho que Partem Todos os Caminhos”, representante do AEB na 29.ª edição do Festival de Teatro Juvenil Miguel Franco, em Leiria.

A professora Rosário Cunha, autora e encenadora, destacou o essencial da segunda peça: “Sob a roupagem de uma entrega

de prémios semelhante aos óscares de Hollywood, os prémios Erasmus, houve a oportunidade de falar dos grandes escritores da literatura lusófona, muitos deles já quase esquecidos, lembrar o quinto centenário de Luís de Camões e a importância de o celebrar e os cinquenta anos de liberdade, com mensagens de tolerância, partilha, multiculturalidade, numa base de respeito e valorização do Outro – ‘Eu sou porque tu és’. No seu entender, “mais



do que uma simples peça de teatro, com dança, música e canções, pretendeu-se pôr em relevo a importância de

uma formação integral, solidária e humana”, acrescentando: “É tudo isto feito com muita alegria pelos

alunos/atores que dramatizaram a peça e o público que a acolheu com muitos sorrisos e aplausos”.

Leonor Santos, aluna do 12.º D que fez parte do elenco, salientou o espírito de equipa, o impacto das mensagens, bem como a forma criativa de “manter presentes as culturas portuguesa e universal e de criar memórias que perduram, num momento de muita alegria, nervosismo e entusiasmo”.

Neste espetáculo de casa cheia, muitas foram as felicitações recebidas.

Margarida Rodrigues, 12.º D

Diretora de jornal, um exemplo de longevidade ao serviço dos outros

Albertina Madeira tem 101 anos e é diretora do “Ecos da Serra”, um jornal da pequena aldeia algarvia de Alte. Ao termos conhecimento deste exemplo de dedicação à sua terra e ao jornalismo, através de uma reportagem televisiva, logo pensámos em contactar esta respeitável jornalista para realizar o trabalho que agora publicamos.

“O jornal surgiu de uma brincadeira entre amigos que se juntavam, regularmente, para longos passeios ou para jogarem às cartas e ao loto, aos serões. Era uma maneira de nos divertirmos e de passar o tempo porque não havia muitas distrações. Numa dessas noites, resolvemos trabalhar para o bem comum, criando o ‘Ecos da Serra’, em dezembro de 1967. Comecei a ajudar a minha irmã, antiga diretora e fundadora do jornal, e o bichinho acabou por pegar. Quando ela deixou a direção, eu dei continuidade ao jornal para que os soldados e emigrantes não perdessem o elo que os ligava à terra natal e estivessem sempre a par dos acontecimentos”, conta Dona Albertina.

Atualmente, escreve alguns artigos e corrige todos os textos antes de o jornal seguir para a tipografia. Diz-nos que o desafio de levar o “Ecos da Serra” até aos seus leitores requer



coragem, muito trabalho, amor, carinho e persistência perante as contrariedades, contando também com o apoio de um grupo de amigos.

Entre tantas histórias e artigos já publicados, é-lhe difícil escolher o que mais a tenha emocionado. Realça, porém, a correspondência enviada pelos soldados que lutavam no Ultramar, no tempo anterior ao 25 de abril. “Todos eles ficaram gravados na minha memória”, declara comovida.

Quanto ao futuro do jornalismo, refere que “as expectativas não são muito risonhas por existir tanta burocracia difícil de ultrapassar” e entende que “os jornalistas têm o direito de reivindicarem o que acham justo para a profissão que exercem”.

Aos jovens que preten-

dem seguir jornalismo deixa uma mensagem: “Não desistam dos vossos sonhos e, corajosamente, ultrapassem as dificuldades que surgem”.

Transcrevemos, de seguida, excertos de cartas de soldados que se encontravam na Guerra Colonial e que D. Albertina partilhou com o Alfabeto, documentos de uma época difícil da vida portuguesa que nos fazem pensar.

“Já tenho 11 meses de Guiné e tenho andado em lugares onde muitos perderam a vida. Hoje damos graças a Deus por não termos nenhuma morte na nossa Companhia. Tivemos apenas um ferido”. (1 de janeiro de 1968)

“Este jornal tão pequeno encerra algo que



o torna grande, o sabemos que da retaguarda nos chega apoio moral. Assim, sentimo-nos mais fortes e confiantes no futuro, até o mais fraco se agiganta.” (Metangula, Moçambique, 19 de agosto de 1968)

“Oh! Como te seria fácil compreender a minha intenção se assistisses à cerimónia semanal da entrega do correio. Se notassem a avidez com que ele é esperado, a alegria e a satisfação dos que sorriem felizes porque ficam com

as mãos cheias de cartas e a tristeza dos que ficam com elas vazias...” (Cabinda, Angola, 15 de maio de 1973)

Matilde Ruivo, 12.º C
Maria Inês Faria, 12.º D

Mobilidade Erasmus



Alguns professores do AEB deslocaram-se a Malta para participarem na mobilidade do Projeto Erasmus STEAM Education: Advancing Learning

Through Innovation and Collaboration. Este encontro contou com a presença de professores de Malta, Lituânia, Polónia, Irlanda e Portugal, sendo os pro-

fessores malteses os responsáveis pela organização das atividades educativas e culturais.

Os eventos pedagógicos permitiram trabalhar as metodologias STEAM aplicadas a cenários de aprendizagem, envolvendo a Matemática, as TIC e o meio local. O grupo de professores do AEB destacou os “momentos de muita aprendizagem” e a “troca de experiências, ideias, recursos e atividades a implementar em sala de aula”.

A próxima mobilidade docente decorrerá na Lituânia, em outubro.

Concurso “Fio da Memória” distingue jovens contistas e ilustradores

A cerimónia de entrega de prémios da 15.ª edição do concurso concelhio “O Fio da Memória – o Conto” realizou-se na Feira do Livro da Batalha.

Este ano, o júri distinguiu, na vertente escrita, os trabalhos dos alunos do 2.º ciclo Íris Costa, do 6.º C (1.º lugar), Eduarda Santos, do 5.º A (2.º lugar), Noah Xavier Oliveira, do 6.º E (3.º lugar) e, do secundário, Anastácia Grushetska, do 12.º A (1.º lugar) e Ale-

xandra Carreira, do 11.º C (2.º lugar).

Na vertente ilustração, foram distinguidos os trabalhos dos alunos do 2.º ciclo Damian Kornienko, do 5.º D (1.º lugar), Mia Costa, do 5.º B (2.º lugar), Rebeca Teixeira, do 5.º B (3.º lugar) e, do 3.º ciclo, Lara Ferreira, do 7.º G (1.º lugar) e Ângela Costa, do 7.º G (2.º lugar). Amanda Cárcano, do 6.º E, e Camilla Gomes, do 6.º A, receberam menções honrosas na

vertente ilustração.

Esta iniciativa anual, da responsabilidade do município, com o apoio do Jornal da Batalha, tem como objetivos criar hábitos de leitura e de escrita, promover o conto como género literário, valorizar a expressividade oral e recuperar a figura do contador de histórias através de pequenas narrativas relacionadas com a região da Batalha.

Matilde Neto, 12.º B

Sinal verde para diminuir os decibéis na escola



A nossa turma participou no projeto “Contração do ruído em contexto escolar”, realizando muitas experiências e reflexões nas aulas de LIP (Laboratório de Ideias e Projetos). Fazemos parte de um conjunto de alunos dos três ciclos do ensino básico que se tem dedicado à medição dos níveis de ruído na biblioteca. Para isso, usámos uma aplicação que instalámos nos telemóveis e registámos, em momentos diferentes, os decibéis produzidos, a unidade de medida dos níveis sonoros.

Aceitámos um desafio do Clube Viv@Ciência da escola e começámos por medir alguns sons. Realizámos as primeiras experiências na sala de aula: silêncio absoluto, falar baixinho, arrastar cadeiras, conversar, mexer no material de escrita e, por último, fazer todos estes barulhos a que se juntou a professora a tentar fazer-se ouvir. Os resultados foram impressionantes! Na situação em que ninguém produziu qualquer som, não registámos 0, mas quase 20 decibéis, o equivalente ao movimento

de folhas de árvores. Claro, a barulheira final foi a situação que se aproximou dos 100 decibéis, o que provoca fadiga ao ser humano que se expõe a este nível sonoro.

Na biblioteca, os resultados também nos surpreenderam. Medimos o ruído em vários momentos e em dias diferentes (almoço, intervalo grande, tempo de aula e permanência de 5 a 10 alunos) e em nenhuma destas situações registámos níveis sonoros repousantes, sempre de intensidade incomodativa. Se é assim na biblioteca, como será fora dela?

Temos, agora, um semáforo instalado neste espaço escolar para sinalizar os níveis de ruído e ajudar-nos a autorregular o nosso comportamento. Para melhorar a nossa aprendizagem e evitar problemas de saúde, vamos manter sempre o sinal verde!

Alunos do 6.º F

AEB veste-se de abril

Para comemorar o cinquentenário da Revolução dos Cravos, realizou-se o espetáculo “O AEB veste-se de abril”, que decorreu nas Capelas Imperfeitas, numa noite de festa memorável em que toda a comunidade participou. Associando-se à comemoração do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, e numa parceria com o Mosteiro da Batalha, o evento teve direito à estreia do filme “Conversas (Im)Prováveis”, uma produção de alunos e professores da escola, e a vários momentos de música, dança, poesia, fotografia, palavras de ordem alusivas à liberdade e à democracia e a intervenções de alguns convidados.

Considerado como um grande desafio à criatividade e ao espírito de entretajuda, esta experiência ficou gravada na memória de todos, a começar pelos mais novos. “Cantámos a canção *Somos livres*”,

conta, feliz, Carolina Barreiro, uma aluna do 1.º ano da EB de Reguengo do Fetal, lembrando o poema musicado que transmite a ideia de as pessoas serem livres para dizer o que pensam sem serem presas.

A par desta iniciativa, outras tiveram lugar no AEB, deixando a escola cheia de cravos, cor e alegria de viver em democracia.

Margarida Rodrigues,
12.º D



O Alfabeto sai à rua

A “Exposição de Caminhos e Percursos de um Jornalista Escolar”, patente no Posto de Turismo da Batalha, assinalou os cinquenta anos do 25 de abril e deu a conhecer à comunidade o percurso de vida do jornal escolar do AEB, numa celebração da liberdade e da democracia.

A mostra, organizada pelo Curso Profissio-

nal Técnico de Comunicação e Serviço Digital, em parceria com a Oficina de Jornalismo, exibiu documentos audiovisuais, exemplares das várias edições do Alfabeto e algumas das capas mais marcantes das quase três décadas ao serviço da educação, da construção de pontes entre a escola e o meio e de aprendizagens plurais, especialmente o

valor da palavra e o aprender a ser livre.

O evento “Encontros do Alfabeto”, realizado no dia 22 de maio, reuniu as pessoas e as vontades que, edição após edição, contribuem para um projeto de formação de jovens capazes de catapultar valores humanistas e de intervir socialmente com conhecimento e responsabilidade.

Livro de Honra do AEB

Às docentes:

Maria Alice Sousa (1.º CEB), Fernanda Silva (Inglês) e Ana Maria Nunes (pré-escolar)

Às assistentes operacionais:

Maria do Rosário Rosa, Maria de Jesus Sousa e Maria Adriana Bastos

O jornal Alfabeto junta-se à comunidade escolar para homenagear a vossa dedicação às várias gerações de alunos que passaram pela escola, moldando pessoas e inspirando sonhos.

Continuaremos a “cuidar dos alunos com o coração”, fazendo jus ao vosso legado.

AEB AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA BATALHA

CENTRO TECNOLÓGICO ESPECIALIZADO INFORMÁTICA

CIENTÍFICO - HUMANÍSTICOS

- > CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS
- > CIÊNCIAS SOCIOECONÓMICAS
- > LÍNGUAS E HUMANIDADES
- > ARTES VISUAIS

CURSOS PROFISSIONAIS

- > PROGRAMAÇÃO E GESTÃO DE SISTEMAS INFORMÁTICOS
- > INFORMÁTICA - INSTALAÇÃO E GESTÃO DE REDES
- > INFORMÁTICA - SISTEMAS
- > COMUNICAÇÃO E SERVIÇO DIGITAL
- > TURISMO

AGUPAMENTO DE ESCOLAS DA BATALHA
agrabatalha.pt
facebook.com/aebatalha
244 709 299

SELO DE CONFORMIDADE EGAVET | erasmus+ | unesco | QUALIFICA

A casa dos seus sonhos tem o nosso crédito.

CA Soluções de Crédito Habitação

CRÉDITO HABITAÇÃO

ESCOLHA ACERTADA

Publicado em 06-2019
para a promoção de vendas

DECOPROTESTE

Licença n.º BY201906EA006

“ESCOLHA ACERTADA”
DECOPROTESTE
Este selo é de exclusiva
responsabilidade da
entidade que o atribuiu.

Faça a escolha mais acertada de Crédito Habitação e surpreenda-se com as condições que temos para si.

creditoagricola.pt • 808 20 60 60

CA Crédito Agrícola